

REDLASES – PALMATECH – UNIVERSIDADE DE BUENOS AIRES
OFICINA SOBRE MOEDA SOCIAL E DEMOCRACIA

Instrutora: Heloisa Primavera Fortaleza, 3-4 de agosto de 2006

Participantes: 23 consultores em Economia Solidária e Gerentes de Bancos Comunitários.
Local: Sede da Palmatech, Av. Val Paraíso 698, Conjunto Palmeira, Fortaleza, Ceará.

* Como aprendemos que temos três cérebros, começamos sem problema com nossa *Canção do jangadeiro do Ceará*, fazendo sinceros agradecimentos ao inspirador folclore baiano e a Dorival Caymmi, que são uma coisa só:

*Eu sou daqui, jangadeiro só...
Eu só tenho amor, jangadeiro só
Eu sou do Ceará, jangadeiro só...
E sou pescador, jangadeiro só... (bis)*

*Ó jangadeiro cearense, jangadeiro só...
Quem te ensinou a pescar, jangadeiro só...
Ou foi o tombo da jangada, jangadeiro só...
Ou foi o balanço do mar, jangadeiro só...*

*Lá vem, lá vem, jangadeiro só...
Todo de branco, jangadeiro só...
Com seu bonézinho, jangadeiro só...
Mas vem pra quebrar, jangadeiro só...*

(e daí pra frente a gente inventa...)

Sabemos hoje que temos três cérebros e não somente um, como parece ser.

É bem importante a gente desconfiar do que as coisas “parecem ser”, porque este pode ser um caminho para as coisas mudarem, já que nem sempre as coisas são o que parecem...

Também dizemos que o cérebro são três em um: um que pensa, que reflete, calcula, planifica e que fica mais do lado esquerdo do cérebro; outro que sente, curte, chora, é criativo, desarruma a casa, canta, tem valores e sentido da justiça e fica do lado direito; e um terceiro que é o cérebro central, que vai à ação mesmo, vive fazendo coisas, procurando o lucro e o jeito de fazer as coisas darem certo da forma mais fácil e eficiente. Os três tem seu papel na sobrevivência e na super-vivência, que é o que procuramos aqui: o bem viver, nosso e dos demais seres vivos. Cada um deles tem seu lugar de acumular o conhecimento coletivo: a Ciência, a Arte e a Economia. Na vida diária, cada um de nós, em geral, usa mais um que outro, porque a educação não se ocupa de alimentar os três com o mesmo cuidado. Você sabe qual é o *seu* cérebro mais desenvolvido? Você alimenta os três por igual? Trata deles como se fossem todos importantes?

Por isso nessa oficina começamos usando o cérebro central e o direito: CANTANDO todos juntos uma canção que fomos INVENTANDO! Só depois é que demos trabalho ao cérebro esquerdo e passamos a examinar a questão da moeda social e da democracia participativa... Também terminamos com ela, enriquecida por colaborações de vários participantes, apesar dos 34 graus reinantes no lugar. VALEU.

**** AS 4 ETAPAS QUE TRABALHAMOS DURANTE A OFICINA**

1. DIAGNÓSTICO DE NOSSAS FORTALEZAS E FRAQUEZAS.

2. “IDÉIAS-PRISÃO”: CRENÇAS OBSTRUTORAS QUE EXPLICAM PORQUE PENSAMOS COMO PENSAMOS.
3. “IDÉIAS-CHAVE”: CRENÇAS LIBERTADORAS QUE MOSTRAM COMO PODEMOS AGIR DE OUTRA FORMA.
4. FERRAMENTAS PARA CONSTRUIR A DEMOCRACIA PARTICIPATIVA.

1. DIAGNÓSTICO DE NOSSAS FORTALEZAS Y FRAQUEZAS

Idéia de partida:

“Ninguém pode fazer o Brasil melhor se não está bem consigo mesmo. No fundo, estar bem é a mesma coisa que ser feliz! E o que é ser feliz tem pelo menos dois modelos e é a gente que escolhe o seu:

***ou é ter dinheiro no banco e carro Zero,
ou é ter bem viver para si, pra família, pros amigos e pros inimigos....”***

***Uma vez que escolhemos o nosso modelo, o resto é a gente mesmo quem faz!
Porque ricos somos todos: temos três cérebros. Lembre sempre disso!
E com eles todas as possibilidades de criar o futuro entre todos!***

Exercício: Respondam por escrito, individualmente, as seguintes perguntas. Depois, reunam-se em grupos de 3 a 5 no máximo, compartilhem as respostas e escolham as que são comuns a todos ou a maioria, para transmitir sinteticamente ao grupo grande, quando terminarem:

- O que sei fazer para ser feliz? (Minhas fortalezas / Fortalezas de meu grupo)
- O que ainda não sei fazer para ser feliz? (Minhas fraquezas / Fraquezas de meu grupo)

Podem compreender agora que escutaram seus companheiros e companheiras que nossas “fraquezas” são também nossas “riquezas” porque elas nos permitem tomar de outros aquilo que eles sabem e tem ? e dar-lhes o que nós sabemos e eles não sabem?

Esse é um princípio do **Mercado da Economia Solidária**, onde todos podemos ser úteis a outros...

ENTÃO, SOMOS RICOS OU SOMOS POBRES?

COMO PODEMOS FAZER PARA VIVER MELHOR, NÓS E OUTROS?

NO NOSSO BAIRRO? NA NOSSA CIDADE? NO NOSSO BRASIL?

2. “IDÉIAS-PRISÃO”: crenças obstrutoras que explicam porque pensamos como pensamos

Apresentamos agora algumas crenças que temos encontrado em muitos grupos como obstrutoras das mudanças que estão procurando fazer. Também as chamamos de “idéias-prisão”

porque elas representam bem isso: ficamos prisioneiros delas e não podemos ver do outro lado de suas grades... É comum escutarmos ou pensarmos:

- *A vida é mesmo muito complicada! Não dá pra mudar muita coisa, não...*
- *O povo que tem as coisas só quer é ter mais; daí, não sobra para os que não tem nada*
- *Pau que nasce torto...*
- *Político só vem buscar pobre antes da eleição; depois, esquece até daqui a quatro anos...*
- *Se o pessoal fizesse as coisas do jeito que eu digo, não estaríamos onde estamos!*
- *Pessoa que sai da pobreza, desaparece e esquece de onde veio!*
- *Não me meto em política porque é o melhor caminho pra esquecer dos outros.*
- *É muito desgastante e dá enfarto do miocárdio: política adoece ou mata !*
- *Cada um deve ficar no seu canto e fazer a sua parte... aí o mundo dá certo!*
- *O mundo tem gente demais e está explodindo! Por isso há tanta fome...*

Ouçá agora uma história para começar a pensar: As benditas pontas do lagarto... (anexo 1)

E nós? Quantas “pontas de lagarto” andamos cortando por aí sem perguntarmos PORQUE é necessário fazer assim ou mesmo se essa é a única maneira de fazer as coisas?

Isso acontece muitas vezes com coisas que tem muito impacto em nossas vidas, como o “dinheiro pouco”, que faltava sempre e que a gente não se animava a mexer nem “esticar” até aparecerem as moedas sociais na Argentina, que foram usadas por seis milhões de pessoas para enfrentar a crise! Se quiser saber mais, procure no site www.redlase.org.ar, especialmente em Nodo Obelisco, onde se ditava o Programa de Alfabetização Econômica.

Exercício: Procure identificar algumas “certezas” que você tem sobre a vida, as pessoas, as organizações e trabalhe com seus companheiros aquelas “fraquezas” que você identificou antes. Escute também as frases de seus companheiros.

Seu comentário: escreva agora para não esquecer...

3. “IDÉIAS-CHAVE”: crenças libertadoras que mostram como podemos agir de outra forma

Acreditamos que algumas boas idéias podem mudar radicalmente nossa vida, como aquela “pesquisa” das pontas do lagarto. Em oposição às idéias-prisão, as denominamos “**idéias-chave**” porque elas nos abrem as portas a outras possibilidades. Muitas pessoas trabalharam nisso e queremos contar ainda duas histórias que ajudam a fazer as perguntas inteligentes...

Vá agora ao anexo 2, leia a história do espelho de Deus, volte aqui e só depois leia o anexo 3, quando estiver indicado.

Agora que leu a história do espelho de Deus, pode compreender porque, segundo nossa proposta, uma das formas de aprofundar a democracia representativa - aquela que nos faz entregar o poder a nossos representantes cada quatro anos - é praticar a democracia radical ou democracia participativa: para isso é necessário ESCUTAR profundamente cada uma das pessoas com as quais

interagimos, RESPEITAR sua opinião e procurar construir CONSENSO nos momentos onde devemos tomar decisões que afetam o coletivo.

Pensar que o consenso é necessário e possível sempre, pode ser um engano bem grave: “Num grupo onde todos pensam *exatamente* a mesma coisa, o tempo todo, o mais provável é que ninguém esteja pensando...”. No próximo item, daremos uma ferramenta que ajuda a escutar SEMPRE e TODOS os participantes de um grupo, mesmo sem falar, para que todos possam ser escutados, manifestando-se com o *leque de quatro cores*, que nos foi ensinado pelo colega catalão Marti Olivella e pode ser aprofundado no sítio www.delibera.net

Mas porque é tão difícil para nós valorizar a palavra de uma pessoa, comparada a outra? O que faz que em geral a gente dê mais valor a uma palavra que a outra? Certamente, muitas coisas colaboram para que isso aconteça! Inclusive nossas preferências pessoais, nossas opções políticas, o que é compreensível e natural. Mas, para ver os limites dessa atitude, queremos contar outra história que nos parece ilustrar muito bem essa situação.

Vá agora ao anexo 3 e leia a história dos dois amigos marinheiros... Depois, volte.

E não é assim que fazemos em nossa vida, quando pagamos (ou não) nove vacas pelo outro, por nossos pais, nossos filhos, nossos alunos... Mas a grande pergunta é: “*Pagamos nove vacas por nós mesmos? Ou aceitamos que outros nos tenham avaliado menos?*”

*E se não pagamos nove vacas por nós, quantas poderemos pagar pelo outro?
E porque não pagar nove vacas por uma pessoa, para que ela mostre as nove vacas que vale?
Como educamos nossos filhos? De que forma pagamos (ou não) nove vacas por eles?
Como fomos educados? Quem pagou nove vacas por nós? Como nos marcou esse dote em nossa vida? O que podemos fazer hoje para mostrar que valemos nove vacas?
Podemos ver nessa história em que medida cada um é responsável pelo outro?*

A partir de nossa experiência de mais de trinta anos de trabalho comunitário, chegamos a propor essas três **idéias-chave**, que são a base do Projeto COLIBRI (www.redlases.org.ar) Trata-se de três crenças libertadoras, que podem ser trabalhadas todos dias, em nossas práticas mais simples ou mais complexas, com o uso das ferramentas que apresentamos nesta oficina, para afiançar a democracia participativa e a autogestão nos grupos. *Não é necessário acreditar nelas de antemão, mas somente estar abertos a experimentá-las.*

1. O PODER É UM JOGO PERMANENTE, INEVITÁVEL, NECESSÁRIO E CRIATIVO. Podemos aprender a jogá-lo como serviço.

2. O PLANETA É DE ABUNDÂNCIA, NÃO DE ESCASSEZ. É suficiente para o bem viver de todos os seres vivos, em harmonia com a natureza.

3. CADA UM DE NÓS É RESPONSÁVEL PELA SUA PARTE E PELO TODO...

Se você estiver interessado em saber mais e formar-se nessas habilidades, entre em contato conosco, através do endereço info@redlases.org.ar porque estamos organizando grupos de formação a distância de promotores de desenvolvimento local na América Latina, onde está o Brasil...

E siga praticando essas ferramentas para adiantar seu processo pessoal! Consulte sobre TODAS as dúvidas que tiver! Sempre respondemos, mesmo demorando um pouco, porque os pedidos são muitos.

4. FERRAMENTAS PARA CONSTRUIR A DEMOCRACIA PARTICIPATIVA

Se nós temos **boas idéias**, é muito bom. É o cérebro esquerdo e o direito funcionando.

Se, além disso, sabemos **como por em prática**, melhor ainda. Continua o esquerdo...

Mas se começamos a **fazer, crescendo com outros**, disso é o que precisamos para descobrir toda nossa riqueza e mudar a cara deste país! São os três cérebros agindo juntos, trabalhando para mudar a realidade...

Existem muitas ferramentas para praticar a autogestão e a democracia participativa. Todas são importantes e você certamente já conhece várias: usar moeda social, por exemplo, é uma delas, bem importante, que tentamos explicar no MANUAL MOEDA SOCIAL E DEMOCRACIA, que você recebeu nessa oficina. Nele, você pode entender porque a *moeda social* é uma importante ferramenta da *democracia participativa* e como fazer feiras de curta duração ou grupos permanentes para que sua comunidade tenha alternativas de mercado. Não esqueça de escrever seu nome na capa...

Agora vamos fazer um breve lembrete das ferramentas que começamos a praticar na oficina para você não esquecer... Certamente, vai lembrar da canção do jangadeiro do Ceará, porque o cérebro direito tem melhor memória que o esquerdo!

4.1. O LEQUE DE 4 CORES: VERDE, AMARELO, VERMELHO, PRETO.

É um instrumento muito simples para começar a valorizar a palavra de cada um e começar a praticar o espelho de Deus. Você pode buscar mais informação no site www.delibera.net. Mas o importante é VOTAR quando algo está sendo dito, antes que seja tarde demais. Comece a usar esse instrumento e veja o que acontece com a autogestão, da qual sempre falamos. DEPOIS, ESCREVA CONTANDO OS RESULTADO!

VERDE = Estou bastante de acordo com o que se disse;

AMARELO = Estou de acordo com o que se disse, apesar de ter algumas diferenças;

VERMELHO = Estou em desacordo como que se disse;

PRETO = Não entendo o que se disse, por isso não posso opinar.

O leque de 4 cores serve para:

- inicialmente fazer “falar” quem não fala porque tem vergonha, acha que é tímido (hein, Andréia???), sentir que sua opinião vale (nove vacas!) e é escutada, poder participar sem sacrificar a palavra dos demais: TODOS VEM quando todos opinam...

- além disso, serve para esclarecer possíveis confusões sobre as diferentes opiniões dentro do grupo, quem pensa o quê e por quê, a melhor forma de aprender a conviver com a diferença e não achar que cada opinião diferente à sua é “complicado”, “conflito” ou “problema”... Muitas vezes a gente descobre que o outro que (a gente acreditava que) pensava diferente, na verdade pensa bem parecido e vice-versa...

- em seguida, serve para saber onde podemos considerar que temos consenso, onde não e – se necessário – limar as diferenças que tornam mais fáceis de que o coletivo assuma um projeto como próprio, sem sacrificar o rigor, a excelência e o compromisso principal com a “causa”, seja ela qual for.

- o consenso melhora a permanência dos compromissos no tempo, com isso a sustentabilidade

- a ausência de consenso é parte da DIVERSIDADE, da riqueza dos grupos, por isso não devemos temê-la mas promover sua visibilidade.

- outras consequências, cada um vai descobrir sozinho; e depois CONTAR-NOS!

4.2.A BATERIA DAS 5 PERGUNTAS PARA RECONHECER O QUE SABEMOS E O QUE NOS FALTA:

1. O que aprendi hoje?

2. O que melhorei hoje?

3. com que/quem contribui hoje?
4. O que desfrutei hoje?
5. O que posso fazer a partir de agora?

Exercício: Pratique responder essas perguntas todos os dias antes de dormir, só durante uns cinco ou dez minutos, por escrito ou conversado, com você mesmo ou com uma companheira. Prometemos que vai começar a se sentir melhor, mais poderosa e mais responsável por sua vida e pela dos demais.

43. O PARADIGMA DA ESCASSEZ OU ABUNDANCIA EM NOSSAS PALAVRAS

O modelo dominante da nossa sociedade vem mesmo “embutido” em nossa forma de pensar, aprendida desde a infância. Aprendemos a pensar como a Economia manda. Vendo escassez em toda parte: falta isso aqui, falta isso outro acolá. É aquela história do copo meio vazio... Mas hoje sabemos que também outras palavras arrastam esse modelo de mundo, onde eu sou mais eu, eu é que sei fazer as coisas, ou ao contrário, o outro é quem sabe e eu não nunca vou ter chance mesmo. A vida é só um mar de problemas...

Por isso, pesquisamos uma série de palavras “venenosas”, que arrastam o modelo de escassez – que é o da intolerância e o pensamento único – para poder acender uma luz vermelha cada vez que elas aparecem e substituí-las por outras, palavras “refrescantes” que nos mostram outras possibilidades.

escassez	-----)	ABUNDÂNCIA
conflito	-----)	DIFERENÇA
culpa/explicações	-----)	MINHA responsabilidade;
		o que fiz, poderia ter feito, faria hoje?
“ter razão”	-----)	“TER RESULTADOS”
problemas	-----)	PROJETOS

Exercício: Escreva ou converse com uma companheira, sobre suas palavras “venenosas” mais freqüentes hoje, segundo esse esquema (*conflito, culpa, explicações dos seus fracassos, sua forma particular de fazer as coisas, que acha a mais correta, seus muitos problemas*). Não fale “em geral”, não se refira as pessoas, mas sim a você mesma. Comece a provar o que aconteceria se, cada vez que uma “venenosa” aparecesse, você a trocasse pela palavra “refrescante” correspondente, do paradigma da abundância. Mesmo que ainda não possa fazê-lo, faça a tentativa. CONTE-NOS OS RESULTADOS.

44. A AUTOGESTÃO COMO PRÁTICA DO PODER SERVIÇO.

É comum escutarmos coisas do arco da velha sobre o poder: que o poder é mau, que o poder corrompe, que as lutas pelo poder destroem os grupos, etc. Mas essa visão, muitas vezes estreita, esconde uma diferença fundamental entre os dois tipos de poder, que queremos discutir aqui.

Existe um poder que se expressa para dominar outras pessoas, grupos, empresas ou países, que chamamos **poder-dominação** e outro que se expressa para construir relações duradouras entre pessoas, grupos, empresas ou países... É o **poder-serviço**. Um pertence ao paradigma da escassez, que considera que os recursos do mundo são escassos, por isso sempre haverá disputa por eles. Outro pertence ao paradigma da abundância e assinala que é nossa responsabilidade encontrar como melhor distribuir os recursos do planeta, que com certeza são suficientes para o bem viver de todos os seus habitantes, se nós quisermos que assim seja...

Qual é qual???

*Como sabemos quando estamos atuando desde um paradigma ou de outro?
Como podemos saber se alguém, que insiste em sua posição, está numa atitude de poder-serviço ou de poder dominação??? Porque nem sempre é fácil discriminar uma da outra. Há pessoas muito hábeis em “fantasiar” sua atitude de poder serviço. Como fazer a prova real?*

Temos usado há várias décadas a interpretação da teoria triádica do poder, para a qual em qualquer grupo este sempre se distribui sempre de forma dinâmica em três subgrupos: oficial (que tem o poder), anti-oficial (que quer toma-lo) e oscilante (que se coloca fora da ambição de tomar o poder, pela razão que seja pensa, ou que pensa que não está jogando).

Só que, em geral, o poder é visto como algo dual, que está ou não está, e não que muda todo o tempo. Essa teoria foi a que favoreceu nossa idéia-chave acerca do poder como jogo: pensamos que cada um de nós aprendeu há muito tempo atrás como jogar o jogo do poder e provavelmente acha que não pode mudar sua preferência... Quando reconhece que joga o jogo do poder todo tempo: como oficial, anti-oficial ou oscilante.

Existe uma técnica de interação grupal, denominada Dinâmica Grupal Explícita (DGE) onde essa teoria encontra as ferramentas ideais para praticar o poder-serviço. Na nossa oficina, houve papéis e responsabilidades bem definidas, em espaços de tempo definidos: alguém se ocupou do espaço, da comida, da limpeza, do controle do tempo. Todos falaram, cantaram, pensaram, escreveram, se fizeram escutar. Todos estivemos **a serviço** da oficina, as responsabilidades estavam claras entre nós e aproveitamento foi ótimo para o curto tempo disponível e a temperatura reinante... As ferramentas que utilizamos para praticar o aprendizado de jogar o jogo do poder para construir o **poder-serviço** são expressão do paradigma da abundância, para o qual os jogos podem ter sempre uma versão de ganha/ganha/ganha e as ações de cada um se orientam à construção de melhores relações no futuro, não só de benefícios imediatos. Elas podem ser melhor compreendidas nas páginas 23-27 do MANUAL MOEDA SOCIAL E DEMOCRACIA que você recebeu.

Exercício: leia da página 23 a 27 e comente, por escrito ou falado, com alguma companheira do curso. Anote o que não tiver compreendido, peça explicações à instrutora (por email) ou ao próximo instrutor, com quem estará dia 18, assim lhe danos trabalho antes de começar...

45. ALGUMAS PALAVRAS MAGICAS: “PERDÃO!”, “DESCULPE!”, “ACHO QUE NÃO CONSEGUI ME EXPLICAR...”, “ESTÁ TUDO BEM! NÃO FALEMOS MAIS SOBRE ISSO! HÁ COISAS MAIS IMPORTANTES ESPERANDO POR NÓS!”

Com o espelho de Deus quebrado em mil pedaços, fica mais fácil lembrar que nunca temos razão se não estamos conseguindo os resultados que procuramos... É sempre melhor estar abertos a lembrar que o espelho de Deus foi quebrado em mil pedaços, que começar a produzir “cola” para grudar o nosso aos de nossos amigos. Quando começamos entender e aceitar o OUTRO – o diferente, o que rejeitamos – como meu patrimônio, como parte do mesmo mundo em que vivemos, estaremos nos aproximando da postura de responsabilidade sobre o TODO e não pela parte que me toca. Algumas das palavras mágicas que começamos a praticar na oficina estão reproduzidas nesse título. Agora é só começar a praticar no dia a dia...

5. Lembremos disso: **“Quem não sonha, morre.**

Mesmo que só seja enterrado muitos anos depois...”

Foi Darcy Ribeiro quem o disse, há muitos anos atrás.

Hoje nós afirmamos: **Somos ricos: temos três cérebros e muitas possibilidades de fazer o que ainda não fizemos: moeda social, banco comunitário, sim, mas também democracia participativa e autogestão... vamos em frente! O Brasil precisa de todos nós!**

5. RECORDEMOS TODA A RIQUEZA E OS TALENTOS QUE MOSTRAMOS HOJE QUE TEMOS, VEJAMOS QUAIS SAO OS PROJETOS QUE PODEMOS COMEÇAR:

- * a curto prazo, sem nenhum dinheiro nem recursos de fora
- * a curto prazo, com algum RECURSO de fora

- * a médio prazo, sem nenhum dinheiro nem recursos de fora
- * a médio prazo, com algum RECURSO de fora

- * a longo prazo, sem dinheiro nem recursos de fora
- * a longo prazo, com algum RECURSO de fora

E mãos à obra!

Anexo 1

As benditas pontas do lagarto...

Duas amigas discutiam qual era a melhor forma de assar o lagarto, aquele corte da carne de vaca que geralmente é meio duro. Uma delas dizia, com total firmeza, que se a gente corta as pontas antes de assar, a carne fica terninha...

A outra dizia que nunca tinha feito isso e que não entendia porque isso devia acontecer. Como não sabiam usar o cérebro central, em vez de experimentar com duas peças de lagarto, foram logo perguntar à mãe daquela que cortava as pontas como era essa história...

Quando lá chegaram, a mãe disse sem duvidar: “Claro, é preciso cortar uns três centímetros de cada lado, para que a carne fique macia! Sempre fizemos assim. Foi o que me ensinou minha mãe!”

Como a avó estava bem velhinha, mas ainda vivia, lá se foram elas perguntar o porquê da coisa à própria avó, fonte da sabedoria do lagarto molinho. Quando o fizeram, esta respondeu sorrindo e meio emocionada: “Claro, é que quando chegamos da Itália, só tínhamos uma lata de doce redonda que usávamos como forma e o lagarto não entrava nela! Então, a gente cortava as pontas, que iam para o nosso cachorro – feliz da vida – e todos ficávamos contentes!”

Anexo 2

O espelho de Deus

João e Pedro eram dois amigos que viviam numa aldeia e eram muito queridos por todos os habitantes. Eles também se gostavam muito, mas de vez em quando um queria ser um pouquinho mais que o outro, porque em algum momento um dos dois seria escolhido para representar a aldeia num concurso muito importante e nenhum dos dois sabia como superar o outro para ser escolhido.

Em horas diferentes do mesmo dia, cada um foi consultar o sábio da aldeia sobre como era possível ter todo o conhecimento do mundo. O sábio, tranqüilo, respondeu que somente Deus tinha toda a Verdade das coisas, porque tinha um enorme espelho, guardado na floresta, onde ele via tudo o que acontecia e que ali ficava registrado para sempre.

Cada um deles compreendeu que estava em problemas e que a solução era uma só: conseguir o espelho da Verdade para ter o conhecimento que necessitavam para saber mais que o outro! Assim foi como, na alta madrugada, cada um por seu lado foi para a floresta para apoderar-se do espelho de Deus e conseguir fazer a diferença! Estavam ambos na escuridão total, quando ao aproximar-se finalmente do espelho gigante tropeçaram um com o outro e o espelho caiu por terra, quebrando-se em mil pedaços...

A partir desse dia, compreenderam para sempre que não existe UMA verdade, mas sim muitas verdades, que dependem de quem as vê e para onde quer ir! E João e Pedro foram-se dali levando seus pedacinhos de espelho e aprendendo a lição da verdade do outro, do respeito por ela e da honestidade, como valores essenciais da vida social dos seres humanos e pilares da democracia...

Anexo 3

Os dois amigos

Paco e Juan eram dois amigos marinheiros da Marinha Mercante, que viajavam pelo mundo inteiro... Certo dia, o barco teve uma avaria e precisou parar numa ilha distante do Oceano Pacífico, onde demoraria duas semanas para ser consertado e tornar a navegar. Os amigos decidiram passear pela ilha para conhecer suas paisagens e costumes. Quando passavam perto de um rio tranqüilo, viram um grupo de moças lavando roupa e Juan disse ao amigo que uma delas era muito especial, e que ele a achava mesmo muito atraente. Paco não sabia a qual se referia e quando o amigo a indicou, surpreendeu-se porque ele a achava completamente normal, não lhe via nada especial... Continuaram o passeio e Juan decidiu aproximar-se de um menino do lugar, para ver falava Espanhol e então poderiam saber quais eram os costumes locais, como era possível aproximar-se das moças, enfim, para ver o que era possível fazer, já que estariam ali tanto tempo. Para sua surpresa, o jovem, que se fazia entender razoavelmente, lhe informou que nessa ilha as moças solteiras não podiam conversar com homens de fora! A única forma era casando-se com elas! Juan pensou que era um exagero e continuaram seu caminho... No dia seguinte, os amigos voltaram ao mesmo lugar e lá

estavam novamente o alegre grupo de moças que cantavam e riam, enquanto lavavam suas roupas. Juan estava realmente impressionado e ficou por muito tempo olhando aquela cena, até que elas se foram. O jovem com quem tinham conversado na véspera aproximou-se dos marinhos e puxou conversa. Juan insistiu em saber se realmente a única forma de conhecer uma jovem daquela tribo era casar-se com ela e a resposta foi positiva. Mais ainda, o jovem era irmão daquelas moças e contou-lhes como se procedia na situação: era sempre o pai quem tratava do assunto e o sistema não tinha mudado desde muito tempo... O noivo devia pagar um dote, o vestido da noiva e organizar a festa; só depois de casados se conheceriam na intimidade. Mais uma vez, se despediram e continuaram seu passeio. Mas Juan não podia esquecer aquela imagem e, ao cabo de dois dias, resolveu visitar a família e arranjar o casamento com a sua princesa encantada... Paco estava muito preocupado com a decisão e, inutilmente, tentou convence-lo de esperar alguns dias mais, com a esperança de que ele mudasse de idéia. Tudo foi em vão, Juan estava decidido e assim foi como Paco acompanhou o amigo à visita que selaria seu destino! Foram solenemente recebidos pelo chefe da família, a quem Juan explicou sua intenção de casar-se com uma de suas filhas e sua disposição de pagar o dote correspondente. O pai disse-lhe que o dote dependia do valor da filha, que ele tinha filhas de vários dotes, que oscilavam, segundo os costumes locais, entre quatro e nove vacas. Discretamente, aproximaram-se do pátio onde as jovens estavam reunidas, sabendo que uma delas seria a escolhida pelo forasteiro, e o pai começou a indicar ao candidato a noivo quanto valia cada uma delas. Até que chegou finalmente à escolhida e o pai lhe informou que ela valia cinco vacas! Juan disse que era mesmo essa a que ele queria e que não lhe importava pagar as nove vacas por ela. O chefe da família – reconhecendo-se homem honesto – negou-se a receber mais que o valor pedido; mas Juan insistiu a ponto tal de quebrar-lhe a resistência: pagaria as nove vacas e assumiria a festa e o traje nupcial! Paco não podia compreender o que tinha acontecido com o amigo e ainda teve a oportunidade de assistir os festejos que se realizaram dois dias antes do barco partir! Ali deixou seu amigo de tantos anos, casado com uma mulher que não conhecia e vivendo numa tribo totalmente estranha para ele...

Passaram-se cinco anos e Paco – agora Comandante da empresa – passou uma dia perto daquele lugar e decidiu saber da vida do amigo Juan... Ao desembarcar, foi direto à praça principal, onde uma cena surpreendeu-o: uma mulher belíssima armava colares de flores, com as peças que lhe entregavam meninos e meninas que brincavam alegres e depois entregavam os colares aos visitantes da ilha. Paco recebeu um colar e ainda estava atônito, quando viu um jovem que bem poderia ser o cunhado de Juan. Perguntou pelo amigo e o jovem lhe disse que o argentino agora era um membro da tribo e que tinha dois filhos do casamento com sua irmã... Paco pediu-lhe que o levasse até o amigo e o encontro foi muito emotivo. Paco disse-lhe então que havia visto uma mulher belíssima, que hesitava em perguntar-lhe se era solteira, mas que gostaria pelo menos de vê-la outra vez! Foram para a praça e quando Paco lhe mostrou quem era a mulher que o tinha impressionado, Juan exclamou: “Essa é a minha mulher!”. Como eram amigos de tantos anos, Paco animou-se a perguntar se ele se havia divorciado daquela que ele conhecera. Juan insistiu, com firmeza: **“Essa é a minha mulher! Paguei por ela nove vacas porque sempre acreditei nela, sabia que ela valia nove vacas! Mesmo que os outros não acreditassem! Mesmo que ela não acreditasse... Porque paguei por ela nove vacas e ela mostrou ao mundo que bem as vale!”**